

STEPHEN KING E RICHARD CHIZMAR

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY



TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 2017 by Stephen King e Richard Chizmar
Copyright das ilustrações © 2017 by Keith Minnion

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Gwendy's Button Box

Capa e projeto gráfico
Desert Isle Design, LLC

Imagen de capa
Ben Baldwin

Preparação
Carolina Vaz

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Nana Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
A pequena caixa de Gwendy / Stephen King & Richard Chizmar; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma, 2018.

Título original: Gwendy's Button Box.
ISBN 978-85-5651-075-4

I. Ficção policial e de mistério (Literatura Americana)
I. Chizmar, Richard. II. Título.

18-20090

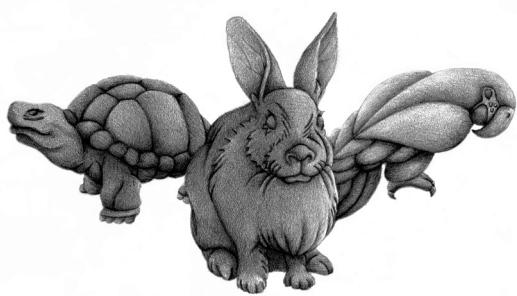
CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Iolander Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/Suma_BR



1

HÁ TRÊS CAMINHOS PARA Castle View a partir da cidade de Castle Rock: pela rodovia 117, pela Estrada Pleasant e pela Escadaria Suicida. Todos os dias daquele verão — sim, até aos domingos —, Gwendy Peterson, de doze anos, subiu pela escadaria, que fica presa por parafusos de ferro fortes (ainda que enferrujados pelo tempo) e sobe em zigue-zague pela encosta. Ela sobe os cem primeiros degraus andando, os cem segundos trotando, e se obriga a correr pelos últimos cento e cinco. “Como quem foge do diabo”, seu pai diria. No alto, ela se curva, o rosto vermelho, as mãos apoiadas nos joelhos, o cabelo suado grudado nas bochechas (sempre escapa do rabo de cavalo na corrida final, por mais que ela prenda com força), bufando como um cavalo velho puxando uma carroça. Mas ela sentiu uma melhora. Quando se empertiga e olha

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

para baixo, Gwendy consegue ver as pontas dos tênis. Não conseguia isso em junho, no último dia de aula, que também foi seu último dia na Castle Rock Elementary.

A camiseta está grudada no corpo suado, mas, de modo geral, ela está se sentindo bem. Em junho, parecia que ia cair dura toda vez que chegava ao topo. Ali perto, ouve os gritos das crianças no parquinho. Um pouco mais ao longe vem o barulho de um bastão acertando uma bola de beisebol, onde os garotos da Liga Sênior treinam para o jogo beneficente do Labor Day.

Ela está limpando os óculos no lenço que deixa no bolso do short exatamente para isso quando ouve uma voz.

— Ei, garota. Vem aqui um pouco. A gente precisa conversar.

Gwendy bota os óculos, e o mundo borrado volta a entrar em foco. Em um banco na sombra, perto do caminho de cascalho que leva da escadaria até o Parque Recreativo de Castle View, está um homem de calça jeans preta, paletó preto e uma camisa branca desabotoadas no alto. Na cabeça tem um chapeuzinho preto. Em breve Gwendy teria pesadelos com aquele chapéu.

O homem estava no mesmo banco todos os dias daquela semana, sempre lendo o mesmo livro (*O arco-íris da gravidade*, é grosso e parece muito difícil), mas nunca tinha falado com ela até agora. Gwendy o observa com cautela.

— Eu não posso falar com estranhos.

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

— É um bom conselho. — Ele parece ter a idade do pai dela, mais ou menos uns trinta e oito anos, e não é feio, mas usar um paletó preto em uma manhã quente de agosto faz com que ele seja um maluco em potencial, na opinião de Gwendy. — Deve ter sido sua mãe quem falou, né?

— Meu pai.

Gwendy vai ter que passar por ele para chegar ao parquinho, e se ele realmente for um maluco, pode tentar agarrá-la, mas ela não está muito preocupada. Eles estão em plena luz do dia, afinal, o parquinho fica perto e está bem cheio, e ela já recuperou o fôlego.

— Nesse caso — diz o homem de paletó preto —, vou me apresentar. Sou Richard Farris. E você é...?

Ela fica na dúvida, mas pensa: mal não vai fazer.

— Gwendy Peterson.

— Pronto. Agora a gente se conhece.

Gwendy balança a cabeça.

— Só saber o nome não é conhecer.

Ele inclina a cabeça para trás e ri. É encantador pelo bom humor sincero, e Gwendy não consegue reprimir um sorriso. Mas não se aproxima dele.

O homem aponta o dedo para ela em formato de revólver: *pow*.

— Essa foi boa. *Você* é uma boa menina, Gwendy. E, já que estamos falando nisso, de onde veio esse nome?

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

— É a combinação de dois nomes. Meu pai queria me chamar de Gwendolyn, o nome da avó dele, e minha mãe queria Wendy, como a do *Peter Pan*. Então os dois acabaram entrando num acordo. Você está de férias, sr. Farris?

Parecia provável; eles estão no Maine, e o Maine se autoproclama a Terra das Férias. Está até nas placas dos carros.

— Pode-se dizer que sim. Eu viajo pra cá e pra lá. Michigan numa semana, Flórida na outra, depois quem sabe um pulinho até Coney Island para comer um cachorro-quente e dar uma volta de montanha-russa. Sou o que você pode chamar de andarilho, e os Estados Unidos são a minha estrada. Fico de olho em certas pessoas e volto de tempos em tempos pra ver como elas estão.

Chink, faz o bastão no campo depois do parquinho, e ela ouve gritos de comemoração.

— Foi bom falar com você, sr. Farris, mas eu tenho que...

— Fique mais um pouco. É que você é uma das pessoas em quem eu estava de olho recentemente.

Isso devia parecer sinistro (e parece, um pouco), mas ele ainda está sorrindo depois das risadas, os olhos estão brilhando, e se ele for o Homem do Saco, está escondendo bem. É o que ela acha que os melhores fariam. *Queres vir ao meu salão?*, disse a aranha para a mosca.

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

— Tenho uma teoria sobre você, sra. Gwendy Peterson. Formada, como todas as melhores teorias, pela observação atenta. Quer ouvir?

— Claro.

— Reparei que você está meio cheinha.

Talvez ele a veja ficar tensa ao ouvir isso, porque levanta a mão e balança a cabeça, como quem diz *não tão rápido*.

— Você pode até se achar gorda, porque as garotas e as mulheres desse nosso país têm ideias estranhas sobre a aparência. A imprensa... Você sabe o que eu quero dizer quando falo “imprensa”?

— Claro. Jornais, televisão, a *Time*, a *Newsweek*.

— Isso mesmo. A imprensa diz “Garotas, mulheres, vocês podem ser o que quiserem ser neste admirável mundo novo de igualdade, desde que ainda consigam ver os dedos dos pés quando estão de pé, a coluna reta”.

Ele está mesmo de olho em mim, pensa Gwendy, *porque eu faço isso todos os dias quando chego no alto*. Ela fica vermelha. Não consegue evitar, mas fica envergonhada apenas na superfície. Por baixo há uma espécie de rebeldia. Foi o que a fez começar a subir pela escadaria todos os dias. Isso e Frankie Stone.

— Minha teoria é que alguém sacaneou seu peso, ou sua aparência, ou as duas coisas, e você decidiu fazer algo a respeito. Acertei? Talvez não na mosca, mas pelo menos passei perto?

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

Talvez por ele ser um estranho, ela se vê capaz de dizer o que não falou a nenhum dos pais. Ou talvez sejam os olhos azuis, curiosos e interessados, mas sem maldade, ao menos que ela consiga perceber.

— Tem um garoto na minha escola, Frankie Stone, que começou a me chamar de Goodyear, você sabe, igual...

— Igual ao dirigível, sim, eu conheço o dirigível da Goodyear.

— É. Frankie é um babaca.

Ela pensa em contar para o homem de paletó que Frankie sai desfilando pelo parquinho cantarolando *Frankie é meu nome! Tenho um pau enorme!*, mas decide que é melhor não.

— Alguns dos outros garotos começaram a me chamar assim, depois algumas garotas também. Não minhas amigas, as outras garotas. Isso foi no sexto ano. No mês que vem vou começar o sétimo ano numa escola nova, e... bom...

— Você decidiu que esse apelido não vai junto — diz o sr. Richard Farris. — Entendi. Você também vai ficar mais alta, sabe. — Ele a olha de cima a baixo, mas não de um jeito sinistro. É quase analítico. — Estou achando que você pode chegar a um e setenta e sete ou um e oitenta de altura. Alta para uma garota.

A PEQUENA CAIXA DE GWENDY

— Já comecei a crescer — comenta Gwendy —, mas não vou ficar esperando por isso.

— Foi o que pensei — diz Farris. — Sem esperar, sem ficar reclamando, enfrentando o problema de frente. Admirável. E é por isso que eu queria conhecer você.

— Foi um prazer conversar com você, sr. Farris, mas tenho que ir embora.

— Não. Você precisa ficar bem aqui. — Ele não está mais sorrindo. O rosto está sério, e os olhos azuis parecem ter ficado cinzentos. O chapéu cria uma linha fina de sombra na testa, como uma tatuagem. — Tenho uma coisa pra você. Um presente. Porque você é especial.

— Eu não posso aceitar coisas de estranhos. — Agora, Gwendy está com um pouco de medo. Talvez bem mais do que um pouco.

— Só saber o nome não é conhecer, concordo com você nisso, mas não somos estranhos, você e eu. Eu te conheço, e sei que o presente que tenho aqui foi feito pra alguém como você. Uma jovem que não tem a cabeça nas nuvens. Eu te senti, Gwendy, bem antes de ter te visto. E aqui está você. — Ele vai para a ponta do banco e bate no assento ao lado. — Venha se sentar aqui.

Gwendy anda até o banco, sentindo-se como se num sonho.

— Você... Sr. Farris, você quer me fazer mal?
Ele sorri.